

O grande combate ideológico pela Educação

Debate Cheque-ensino
Paulo Guinote

O anúncio pelo Governo de algo parecido com a generalização do cheque-ensino na Educação marca uma fase nova num processo em que se abre de forma evidente a porta para o financiamento do ensino privado e não, como se afirma de forma mistificadora, os alunos que pretendam escolher a escola da sua preferência.

Vou sintetizar a base ideológica de quem defende a existência da mercantilização da Educação ao abrigo de um alegado princípio de "liberdade de escolha".

- O valor da liberdade é superior a qualquer outro.

- A concorrência num mercado alargado da Educação leva naturalmente à seleção dos melhores e à eliminação dos piores desempenhos.

- As famílias têm o direito a escolher as escolas para os seus filhos, devendo o Estado subsidiar directamente essas escolhas em vez de as condicionar com a existência de um serviço universal de escolas públicas.

- A gestão privada é financeiramente mais eficaz do que a pública, pelo que o Estado poupará com essa opção.

- O que oculta, de forma selectiva, esta posição: que a liberdade no campo social e económico, ao não ser regulada, traduz-se na lei do mais forte e no esmagamento dos mais fracos. Na Natureza, a liberdade sem entraves é o campo ideal dos predadores.

- Que a concorrência não impede que, naturalmente, num qualquer conjunto exista sempre um topo e uma base, piores e melhores. E que há uma opção de fundo a fazer quanto a escolhermos se queremos que todo o conjunto melhore de desempenho ou se não nos incomoda que a desigualdade aumente, desde que o topo avance ainda mais.

- Que o apoio às famílias deve ser feito de forma diferenciada, numa perspectiva de discriminação positiva dos mais desfavorecidos no acesso às ofertas educativas mais adequadas, tendo sido essa a tendência dominante na introdução e desenvolvimento da liberdade de escolha nos EUA.

- Que a gestão privada é tanto mais eficaz quanto esmaga os direitos laborais da maioria do pessoal docente e não docente, através da sua precarização e proletarização salarial.

A investigação tem sido vasta nesta matéria e existem muitos dados disponíveis, mas nem sempre devidamente divulgados, que apontam na sua globalidade para o seguinte:

- A introdução da liberdade de escolha não melhora globalmente os resultados dos alunos, apenas se verificando uma distribuição mais diferenciada dos resultados, com o aumento da desigualdade dos desempenhos, contrariando a teoria de que as escolas piores desaparecem e são substituídas por outras melhores. O que acontece é um reforço da distribuição piramidal dos resultados.

- A introdução de cheques-ensino de tipo universal está associada a um aumento da guetização socioeducativa, com o reforço do carácter exclusivista das comunidades educativas, pois as famílias optam mais por escolas com um perfil homogéneo do que por ofertas de maior diversidade pedagógica.

- Os cheques-ensino são mais eficazes quando direccionados para minorias étnicas e culturais em risco de insucesso escolar ou com problemas de inserção nas comunidades envolventes e para grupos economicamente mais desfavorecidos do que quando são concedidos de forma indiferenciada e transversal.

- Em muitos países, a gestão privada das escolas financiadas pelo Estado não pode levar à acumulação ou distribuição de lucros, sendo os gestores remunerados pela sua função e não recompensados enquanto proprietários. É o caso, por exemplo, da Holanda.

É muito importante deixar claro que, na

situação actual, a liberdade de escolha não está sequer assegurada entre as escolas públicas, pois a autorização para abertura de turmas foi controlada ao pormenor, empobrecendo a oferta e levando ao afastamento de professores para situações de mobilidade. Igualmente importante é afirmar que a rede pública de ensino poderia receber mais alunos sem aumento dos custos para o Estado, sendo que a actual opção do Governo/MEC é, paradoxalmente, propícia ao aumento dos encargos públicos.

O que está em causa é um combate ideológico em defesa da mercantilização da

Educação e de uma concorrência que leva ao aumento dos fenómenos de desigualdade, em que se reforçam os mecanismos de diferenciação dos melhores em detrimento dos mais fracos. Do outro lado está quem considera que a Educação pode incluir mecanismos de concorrência regulada que vise uma melhoria global do desempenho, apoiando os mais carentes no sentido da ultrapassagem das suas dificuldades.

É um combate ideológico, mas tem também uma indelével dimensão ética

É um combate ideológico, envolvido em interesses económicos, que tem traços muito específicos do nosso tempo, mas também uma indelével dimensão ética que está para além das disputas transitórias pelos milhões do orçamento do MEC.

Professor do Ensino Básico. Doutorado em História da Educação

Frei Bento Domingues regressa a este espaço no próximo domingo, dia 15

Um filme que não é



Miguel Esteves Cardoso
Ainda ontem

A *Gaiola Dourada* é, até agora, o filme mais visto deste ano. Ultrapassou o *Velocidade Furiosa 6*. Decidi ver os dois filmes – mas não ir ver os dois filmes. Lembro-me sempre da valiosa distinção de Samuel Johnson, falando (injustamente) de Dublin e (justamente) da Giant's Causeway, a cinco quilómetros da destilaria de Bushmills. Boswell perguntou-lhe se não valia a pena ver a Giant's Causeway e Johnson respondeu: "Se vale a pena vê-la? Vale, sim senhor. Mas não vale a pena ir vê-la".

São ambos maus filmes, mas o primeiro não só não precisa de ser visto num cinema como ganha em não ser visto em lado algum. Tinha uma impressão vagamente positiva do filme sem ter lido nada acerca dele. Mal o vi, perdi-a completamente. Numa coisa o realizador Ruben Alves teve razão: como português que sou, tive vergonha do filme, apesar de não ter tido nada a ver com ele. Os actores – sobretudo a maravilhosa Rita Blanco – são espantosos por fazerem de conta que há portugueses assim, como a antiteses da inteligente, autónoma e imaginativa pessoa que é a portuguesíssima Rita.

O *Velocidade Furiosa 6*, de Justin Lin, é um filme estúpido mas é um filme de cinema, em que o movimento é aproveitado. Vê-se como pano de fundo, enquanto se lê um livro ligeiro. Levanta-se a vista de vez em quando: cada desilusão está garantida mas existe esperança antes de todas.

Já *A Gaiola Dourada* nem sequer uma boa merda é: é uma merda má. Não tem graça: nem uma desgraça consegue ser.

BARTOON LUÍS AFONSO

APENAS 6% DOS INCENDIÁRIOS FLORESTAIS CONDENADOS...

...TIVERAM PRISÃO EFECTIVA.

PERCEBO.

ERA UM BOCADO CHATO AFASTÁ-LOS DO CONTACTO COM A NATUREZA.

